

Fiori Esaú Ferrari



Editora Penalux  
Guaratinguetá, 2017



EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro  
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br  
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO  
França & Gorj

CAPA E DIAGRAMAÇÃO  
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

F375M      FERRARI, FIORI ESAÚ. 1970-  
MEU CAMPO / FIORI ESAÚ FERRARI. -  
GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2017.

168 p. : 22,5 cm.

ISBN 978-85-5833-201-9

1. POESIA I. TÍTULO

CDD.: B869.1

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.  
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida  
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

## Bucólica triste

Eu vejo a gota azul  
tingir o céu.  
Eu vejo telhados  
mancharem o verde.  
Eu vejo o pássaro  
arremessar seu corpo aéreo  
no corte lírico do campo.

Eu vejo taquarais!

Eu vejo taquarais  
dizendo que o vento  
dessa noite

não foi forte

não foi nada

não é nada.

## A casa

A dor se precisa  
ao olhar a casa  
ainda pairando  
no espaço da rua.

Não estão mais lá.  
O grande armazém,  
o avô entre a balança  
e as vozes do balcão.

O fogão a lenha  
ardendo no quintal  
de minha avó,  
mulher  
do alimento de todos,  
mulher  
de todos os alimentos,

a coalhada descansando  
na sombra da mesa,  
as folhas de uva,  
o trigo e a hortelã

sobre a madeira de luz.  
O tecido das cortinas  
jogando capoeira  
com o vento na sala, silêncio...

O muro dos fundos,  
casca que já não presta...  
a hera é seu reboque.  
Tijolos vermelhos, limo e folhas.

E os sábados existindo,  
as paredes tão fundas  
da infância, o Líbano  
e o cedro no canto  
da vitrola.

O Líbano nas vozes  
que por lá dançavam  
com lenços e flautas.

O Líbano na língua que macia  
adormeceu em almofadas  
esse brasileiro tão mateiro,  
risco de faca no terreiro,  
fala esquecida entre mangueiras.

Onde se escondeu o que perdi?

A casa está situada no centro de Itapetininga,  
mas o terreno agora é só o espaço do vento  
de tantas medidas e nenhuma fronteira...

A dor se precisa  
e é absoluta  
balança  
pesando grãos.

As mãos da minha avó mergulhadas no trigo tardio,  
a cachaça perfumando o balcão do meu avô.

Algo se foi de mim,  
algo dos dias,  
brisa dobrada sobre a cama...

A casa está no chão  
e o homem que sou  
é onde estou,  
esteio desses pássaros aproximados  
da saudade.

O que me pertence hoje  
são os quartos,

o grande corredor,  
a cadeira de balanço,  
um jeito de alfazema  
em tudo...

O passado se alongou  
sem pressa  
e sem aviso.

Não sou mais.

A casa que fui  
partiu  
a casa que sou.

## Armazém

Se tudo parecia assim  
palavra pesada a quilo  
vendida a granel  
na sacaria insossa

é que eu ainda menino  
me punha na penumbra  
do armazém  
e ficava tentando entender  
por que as aranhas  
faziam teias no teto  
tão alto, alto.

Me escondia atrás do sal.

As vozes negociavam com meu avô.  
Laconicamente, o balcão envelhecia.  
Madeira.

Às vezes chovia  
e eu dormia esquecido  
num vão  
entre fardos de milhos  
e grandes latas de querosene.



Alguém comprou minha infância em espécie.

(anjo bom anjo mau)

E espalhou as sementes  
nos campos da tarde.

No mato de Itapetininga.



[www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br)



[fiorifer33@yahoo.com.br](mailto:fiorifer33@yahoo.com.br)



[/fiori.ferrari](https://www.facebook.com/fiori.ferrari)